

Onça-Pintada: 3 décadas de publicações científicas

Categories : [Silvio Marchini](#)

A onça ocupa uma posição excepcional nas mais diversas formas de registro feitas pelo homem, de pinturas rupestres à nossa cédula de 50 reais. Na literatura científica, porém, ela tem tido uma presença relativamente pouco expressiva. Somente nas últimas três décadas é que cientistas têm descrito os hábitos das onças na natureza. O zoólogo George Schaller fundou a literatura ecológica sobre a espécie e atualmente seu legado está mais presente no Brasil do que em qualquer outro país.

Em 1978, George Schaller e José Manuel Vasconcelos publicaram o artigo *Jaguar Predation on Capybara* (“Predação de Capivara por Onças”). O nome do periódico em que publicaram o artigo é quase impronunciável para a maioria dos brasileiros – *Zeitschrift für Säugetierkunde* – mas a publicação era resultado de pesquisas realizadas no Brasil, mais precisamente no Pantanal do Mato Grosso do Sul. Com o artigo, Schaller e Vasconcelos fundaram a era moderna da literatura ecológica sobre onças, tanto no Brasil quanto internacionalmente.

Não que as onças não tivessem atraído a atenção de estudiosos até então. Pelo contrário, o maior e mais fascinante predador terrestre do nosso país sempre teve destaque nas crônicas dos exploradores e naturalistas que se aventuravam pelo interior do Brasil. O primeiro relato sobre onças no país data de 1557 e foi feito pelo marinheiro alemão Hans Staden. Em seu livro *Duas Viagens ao Brasil*, Staden relata que “há também muitos tigres naquela terra, que estraçalham homens e causam muitos danos”. A obra de Staden e de outros exploradores do século XVI definiram a tônica do que viria a ser escrito sobre onças nos séculos seguintes: seus hábitos predatórios, principalmente quando percebidos como ameaça ao homem e seus animais domésticos, e sua perseguição por caçadores e fazendeiros. Entre os naturalistas dos séculos XVIII e XIX, notavelmente Rodrigues Ferreira, Spix, Wallace e Bates, a ecologia alimentar da onça também foi tema recorrente, embora descrições de caçadas à onça merecessem espaço significativo em suas crônicas.

**Foram justamente
relatos de caçadas no
Brasil, mais
especificamente no
Pantanal, que
dominaram a literatura
sobre onças nos**

primeiros três quartos do século XX.

Foram justamente relatos de caçadas no Brasil, mais especificamente no Pantanal, que dominaram a literatura sobre onças nos primeiros três quartos do século XX. O primeiro e talvez mais influente autor desse período foi Theodore Roosevelt. Em 1913, o caçador e ex-presidente dos Estados Unidos se juntou a Cândido Rondon em uma expedição para desbravar o “selvagem oeste brasileiro”. Em sua passagem pelo Pantanal, Roosevelt participou de caçadas à onça, as quais descreveu no ano seguinte em seu livro *Nas Selvas do Brasil*. Outro aventureiro lendário que deixou um registro detalhado de suas caçadas foi Sasha Siemel. Nascido na Letônia, Siemel passou parte de sua vida no Pantanal, onde ganhou notoriedade como o único homem branco capaz de caçar onças com zagaia (a zagaia é uma lança comprida que deve ser segurada com firmeza pelo caçador de modo que a onça, ao se lançar sobre ele, seja empalada). Em 1953, Siemel publicou suas memórias de empalador de onças no livro *Tigreiro!*. Finalmente, em 1976, Toni de Almeida publicou o livro *Jaguar Hunting in the Mato Grosso and Bolivia*. Almeida era caçador e guia de safáris de caça para estrangeiros, mas tinha o hábito de anotar o peso, o tamanho e o conteúdo estomacal das onças que matava. Foi o primeiro a fazer isso. Como resultado, seu livro forneceu a mais completa informação sobre biologia e ecologia de onças no Pantanal antes de Schaller.

Não é de se surpreender, portanto, que Schaller tenha escolhido o Pantanal para realizar o primeiro estudo científico sobre onças. Schaller veio ao Brasil em 1977 para estudar a ecologia da onça e suas presas, em um projeto conjunto entre a New York Zoological Society (hoje Wildlife Conservation Society - WCS) e o IBDF (hoje Ibama). Em 1978, o brasileiro Peter Crawshaw se tornou a contrapartida nacional no projeto. Juntos, eles foram os primeiros a usar colares com transmissores de rádio para investigar o movimento de onças. Em 1980, publicaram o artigo *Movement Patterns of Jaguar*. No mesmo ano, Schaller se mudou do país, deixando em seu lugar o americano Howard Quigley. Crawshaw e Quigley passaram a trabalhar em uma fazenda em Miranda e juntos publicaram, entre 1984 e 1992, vários artigos sobre a onça pantaneira. Crawshaw continuou seu trabalho sobre onças e responde hoje por mais publicações sobre ecologia e conservação da espécie do que qualquer outro pesquisador.

Foi somente em 1986 que pesquisas sobre onças conduzidas em outros países começaram a ser publicadas. Naquele ano, o americano Alan Rabinowitz publicou dois artigos sobre ecologia e problemas de predação do gado doméstico em Belize, além do livro *Jaguar*, no qual descreve seu esforço para criar naquele país a primeira reserva dedicada à conservação das onças. Rabinowitz, que começou seu trabalho em Belize em 1983 a convite de Schaller, estabeleceu as bases para um programa duradouro de pesquisa, que hoje responde por boa parte das pesquisas em andamento. Também em 1986, o veterinário Rafael Hoogesteijn publicou seu primeiro artigo sobre a situação das onças na Venezuela. Hoogesteijn foi autor de várias publicações influentes nas duas décadas seguintes, entre elas o *Manual sobre os Problemas de Predação Causados por Onças em Gado de Corte*. Junto com outros pesquisadores também dedicados ao estudo da

ecologia e conservação das onças em grandes fazendas de gado nos Llanos venezuelanos, Hoogesteijn fez da Venezuela um dos países que mais contribuíram para a literatura científica sobre onças.

A partir de meados dos anos 90, México, Argentina, Bolívia e Estados Unidos passaram a fazer contribuições importantes. Outros países que também produziram publicações são Colômbia, Costa Rica, Guatemala, Panamá, Paraguai e Perú. Em 1999, a WCS e a Universidade Nacional Autônoma do México reuniram naquele país 30 especialistas em onças, representando 10 países, entre eles o Brasil, para apresentarem informação atualizada em diversas linhas de conhecimento sobre a espécie. Os resultados foram publicados em 2002 no livro *El Jaguar en el Nuevo Milenio*, a maior compilação de artigos sobre onças em um só volume já publicada. Não obstante, o Brasil, berço da pesquisa sobre onças, continua sendo o país com maior número de publicações sobre a espécie. O número expressivo e crescente de profissionais dedicados à pesquisa sobre onças no país e o apoio de instituições nacionais e internacionais influentes tais como Pró-Carnívoros, Instituto Onça-Pintada, WCS e Panthera, sugerem que a liderança do Brasil na pesquisa, conservação e, consequentemente, literatura científica sobre onças vai continuar nos próximos anos. Trinta anos depois, o legado de George Schaller continua mais presente no Brasil do que em qualquer outro país.

* *Silvio Marchini, Biólogo Projeto Conviver Gente e Onças Wildlife Conservation Research Unit (WildCRU) Universidade de Oxford*